

NO MEU BAIRRO SE BRINCA DE...

Cintia Cristina de Castro Mello
EMEF Alberto Santos Dummont

RESUMO

Este relato apresenta o trabalho desenvolvido no EMEF Alberto Santos Dumont, com as turmas 1ª e 3ª séries do ensino fundamental I no segundo semestre de 2010. Em sua proposta pedagógica a escola tem como objetivo colaborar na formação de leitores e escritores críticos e na formação da cidadania. Assim, pautado em um currículo dos estudos Culturais e nas Orientações Curriculares para a área o trabalho desenvolvido nas aulas de Educação Física teve a intenção de possibilitar a leitura dos jogos e brincadeiras do bairro, reconhecendo essas práticas como produtos culturais. Dessa forma, por meio da vivência das brincadeiras em suas diversas manifestações, discussão sobre as diferentes formas de brincar, nos diferentes grupos, e transformações destas práticas foi possível ampliar e aprofundar esta temática no decorrer das aulas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Jogos e Brincadeiras, Orientações Curriculares.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

A EMEF Alberto Santos Dumont está localizada no Jardim Brasil, na Zona Norte de São Paulo, um bairro com poucos espaços públicos para o lazer, no qual a rua se apresenta como espaço para a manifestação das mais diversas práticas corporais. Em sua proposta pedagógica fica explícita a preocupação com a formação de sujeito leitores da realidade, colaborando para o desenvolvimento do senso crítico. Considerando estes aspectos e por meio de mapeamento realizado com os alunos para identificar as práticas corporais presentes em seu contexto, selecionamos o conteúdo “Brincadeiras” para ser desenvolvido com os alunos das 1ª e 3ª séries do ensino fundamental.

É importante ressaltar aqui como este mapeamento foi orientado e justificar a escolha por este conteúdo. Quando ingressei na escola, em Maio de 2010, já havia uma professora “adjunta” desenvolvendo um trabalho com os alunos sobre “Brincadeiras”, mas dentro de uma outra proposta curricular e uma outra leitura de Educação Física. Segunda a professora, o objetivo das aulas era que os alunos aprendessem a obedecer às regras dos

jogos e assim reduzir a indisciplina em aula, demonstrando em seu discurso a visão de uma Educação Física funcionalista e utilitária. Assim, quando iniciei minhas aulas foi necessário desconstruir alguns discursos que circulavam sobre a Educação Física, refletidos também no discurso das professoras das turmas, e construir um novo olhar sobre a disciplina e seu currículo. Neste primeiro momento procurei observar as práticas das crianças nos recreios e horários “livres” e em roda de conversa levantamos alguns elementos para as aulas.

No recreio o espaço para brincadeiras era muito restrito, reduzido a um pátio com refeitório, o que impedia as crianças de realizarem certas brincadeiras neste momento. Também observei que sempre que começavam alguma brincadeira de corrida eram represados pelas inspetoras, pois ali não era o local adequado para este tipo de brincadeira. Constatei que na tentativa de organizar o recreio as inspetoras disponibilizavam alguns materiais como cordas, jogos de tabuleiros, bola pequena (para pênalti) etc; sendo a corda o brinquedo mais disputado, em especial com os alunos menores.

Já nas rodas de conversa ficou evidente na fala dos alunos a presença de outras brincadeiras vivenciadas nas ruas do bairro, como as brincadeiras de pega-pega, por exemplo, tão negligenciadas no espaço da escola por serem consideradas “bagunça”. A partir deste levantamento iniciamos o trabalho com o tema “No meu bairro se brinca de...”.

Para tal, foi utilizado como referência as Orientações Curriculares da Prefeitura Municipal de São Paulo e outros textos relacionados ao currículo cultural da Educação Física. Nesta proposta o movimento é entendido como linguagem, ou seja, apresenta significados e representações de acordo com o grupo em que está inserido.

Assim, como proposto nas Orientações curriculares:

(...) caberá à Educação Física escolar proporcionar aos alunos dos diferentes anos do ensino fundamental experiências pedagógicas que viabilizem tanto a prática das manifestações corporais presentes no universo cultural próximo e afastado dos alunos, quanto à reflexão crítica acerca das diversas formas de representação cultural veiculadas pelas brincadeiras, lutas, esportes, ginásticas e danças e oferecer a cada aluno, a oportunidade de posicionar-se enquanto produtor de cultura corporal (2007, p.36).

A partir deste conceito, o objetivo deste trabalho foi contextualizar o conteúdo “Brincadeiras”, reconhecendo esta manifestação como produto cultural, possibilitar a socialização das brincadeiras aprendidas e vivenciadas na comunidade, compreender e valorizar as diferentes formas de brincar, nos diferentes grupos e reconhecer-se como produtor de cultura.

Dentre as expectativas da aprendizagem elencadas para este projeto estão: adotar posturas de cuidado e respeito pelo outro; organizar formas de brincar em pequenos grupos; explicar e demonstrar corporalmente as brincadeiras vivenciadas no contexto da comunidade; adaptar as manifestações e produções culturais vivenciadas as condições do grupo, espaços e materiais; compreender as brincadeiras de outros representantes culturais; descrever aquilo que vê e ouve em manifestações e produções culturais; identificar as principais características das atividades vivenciadas; explicitar, oralmente, o sentido que deu às vivências corporais; relacionar os conhecimentos que já possui com a temática abordada, ampliando para as outras esferas sociais; posicionar-se e opinar sobre as práticas vivenciadas, respeitando o direito de expressão de todos; elaborar registros acerca das manifestações estudadas em forma de relato oral ou desenho, ilustrações etc. Portanto

trata-se do movimento com sentido e significado aferido pelo contexto sócio-histórico cultural em que é produzido. Falamos de movimento que expressa e representa cultura, do movimento com intenção comunicativa de idéias, sentimento, etc., que se dá no interior de uma manifestação cultural. (Neira e Nunes, 2006).

Na primeira etapa foi realizado um mapeamento com os alunos sobre as brincadeiras prediletas e vivenciadas pela turma. Essas brincadeiras foram categorizadas em grupos, sendo que as “brincadeiras de pega” (3ª séries) e as brincadeiras com cordas” (1ª séries) foram as mais significativas. A partir daí passamos a vivenciar cada uma das brincadeiras listadas, respeitando as diferentes formas da brincar conhecidas e sugeridas pelos alunos.

Em vários momentos, por exemplo, surgiu a mesma brincadeira, porém com diversos nomes diferentes o que gerou certo conflito entre os alunos, os quais queriam validar os seus saberes, assim alguns se posicionavam: *“Ai, não é assim que brinca deste pega-pega”* ou *“Nem é esse o nome certo desta brincadeira”*, ou ainda *“Não vou brincar porque esse jeito não é o certo”*. Ou seja, naquele momento os alunos buscavam impor sua cultura sobre a cultura dos colegas, negando os conhecimentos dos demais e demonstrando ausência de compreensão da construção destes processos culturais.

Dessa forma, o duro-ou-mole era também conhecido por pega - congela, congelou e pega – gelo. Em outros momentos o que alterava era a forma de brincar: com piques ou sem piques, com “vidas”, pulando em um pé só etc. Com as 1ª séries ocorreu o mesmo processo, nas brincadeiras com corda apareceram as diferentes músicas, nomes e formas de pular, além de outras brincadeiras que utilizavam a corda como instrumento. Sempre que

ocorreram estas situações discutimos a origem destas diferenças, propondo a vivência e comparação entre as brincadeiras nos diversos grupos e ressignificando estas práticas no ambiente escolar. Durante estes momentos percebemos que muitos elementos interferem no conhecimento de cada um sobre as brincadeiras, por exemplo, com quem a brincadeira foi aprendida, em que local, onde é praticada etc. e que, apesar de todos morarem no mesmo bairro, as diferenças culturais e experiências de vida de cada um colaborava para o seu entendimento sobre o tema.

Assim brincadeiras como pega-pega normal, pega-pega fruta, pega-pega gelo, duro ou mole americano, policia e ladrão, mãe - da- rua, elefantinho colorido, pega-pega vela, pega-pega corrente, ajuda-ajuda, barra-manteiga, pega-pega da bruxa, cada macaco no seu galho, rouba bandeira, cobra cega e pega-piques forma ensinadas e vivenciadas pelos alunos, em uma troca constante de experiências. Nas brincadeiras com as cordas vivenciamos o aumenta – aumenta ou aumentadinha, abaixa- abaixa, cobrinha, suco gelado, salada-saladinha, o homem bateu em minha porta, quantos anos, zerinho, amarra o pé, pega-corda, corda alta e corda dupla, todas ensinadas e protagonizadas pelos próprios alunos, de acordo com suas experiências culturais.

Após esta etapa, partimos para um aprofundamento e ampliação do tema e, a partir de um texto proposto pela professora tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as brincadeiras de pega-pega (3ª séries) e as diferenças culturais presentes nesta manifestação. Para a elaboração deste texto, utilizei como referência o site “Mapa do Brincar” e a reportagem da Folha de São Paulo sobre uma pesquisa e levantamento das brincadeiras vivenciadas nas diversas regiões do Brasil. Alguns alunos tiveram a oportunidade de consultar o site na Sala de Informática, o que facilitou na escolha das brincadeiras seguintes.

Após a leitura do texto, selecionamos algumas brincadeiras sugeridas no site na intenção de vivenciar pega-pegas diferentes dos que tínhamos realizado, comparando as variações na forma de brincar e nos nomes das brincadeiras como Pique de cores, Estoura a boiada, Nunca2, Stop de chão e Gavião e Galinha, considerando também o contexto em que elas eram realizadas.

Já com as cordas o aprofundamento e ampliação ocorreram por meio da troca de experiências com as alunas das 4ª séries que apresentaram e ensinaram aos alunos das 1ª séries a “corda dupla”, já que identificamos inúmeras dificuldades dos alunos em vivenciar esta atividade. Em uma aula de substituição tive contato com essas alunas que me pediram

para pular corda, sugeri que tentassem pular corda dupla como um desafio. Prontamente o grupo desenvolveu técnicas para pular a corda dupla e novas formas de pular, já que uma das meninas era mais habilidosa. A partir de então propus que elas dessem uma aula sobre corda dupla para as 1º séries e montassem uma apresentação, e fui atendida com muito entusiasmo. O grupo fez demonstrações e relatou sua experiência sobre o processo de aprendizagem desta brincadeira, que envolve habilidades mais complexas, auxiliando os alunos menores em suas vivências. Além disso, os alunos pesquisaram com familiares, criaram e vivenciaram em grupos outras possibilidades de brincadeiras como corda como balanço, o cipó, a corda bamba e a escalada.

Esta etapa reforçou a importância da valorização das diferenças culturais, compreendendo que as manifestações são praticadas em diferentes contextos, por diferentes grupos, que atribuem certos significados e sentidos para aquela prática, transformando-as e /ou produzindo-as.

Por fim, os alunos descreveram suas sensações e opiniões sobre cada etapa vivenciada, o que favoreceu a construção de argumentos, adotando uma postura crítica frente àquela prática, que recebeu um novo olhar durante as aulas. Dessa forma a avaliação se deu em todo o processo, no início indicando os primeiros passos, durante as aulas regulando as próximas etapas e no final, com um parecer dos alunos sobre o tema trabalhado. Os registros realizados por meio de fotos, pelos alunos e professora, possibilitou a construção de um painel exposto na “Feira Cultural” da escola, com detalhes sobre o projeto.

Por meio deste trabalho foi possível atender as expectativas traçadas para o projeto e atingir o objetivo principal da Educação Física que é de “(...) oferecer a oportunidade do diálogo por meio das manifestações da cultura corporal e proporcionar a vivência, aproximação, estudo e valorização de diversas formas de produção, e expressão corporal dos alunos da instituição escolar (...)” (Orientações Curriculares, 2007, p.41).

Além disso, possibilitou uma reflexão sobre a função da Educação Física na escola e sua colaboração na formação de um espaço educativo de vivências sociais pautadas no respeito à diversidade, senso de justiça e coletividade, e um espaço de produção, apropriação e divulgação de sabores, trazendo um novo olhar à disciplina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NEIRA, M. e NUNES, M. **Pedagogia da Cultura Corporal**. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, M. G; NUNES, M.L.F (Org.). **Praticando Estudos Culturais na Educação Física**. São Paulo: Yendis Editora, 2009.

São Paulo (Cidade). Secretaria de Educação, Diretoria de Orientação Técnica. **Caderno de orientação didática: referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do Ensino Fundamental da área de Educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.

São Paulo (cidade). Secretária de Educação. Diretoria de Orientação técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental II – educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.

São Paulo (cidade). Secretária de Educação. Diretoria de Orientação técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental I – Educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.

